

## RELATOS DE EXPERIÊNCIAS PSICÓTICAS EM PRIMEIRA PESSOA: ASPETOS CRÍTICOS E CONTRIBUTIVOS PARA A ANÁLISE FENOMENOLÓGICA

### FIRST-PERSON ACCOUNTS OF PSYCHOTIC EXPERIENCES : CRITICAL AND CONTRIBUTORY ASPECTS FOR PHENOMENOLOGICAL ANALYSIS

Nivaldo Duarte de Marins<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo possui os seguintes objetivos: em primeiro lugar, a partir da Fenomenologia utilizada por Karl Jaspers em sua obra *Psicopatologia Geral* passamos a descrever, compor e valorizar as experiências psicóticas em Primeira Pessoa. Desenvolveremos como o processo do pensamento é formado e as alterações presentes das mais diversas formas. Em seguida, a partir do relato de um paciente psicótico, utilizaremos o nosso “aparelho mental” para compreendermos, através de uma nova nomeação, a experiência que nos foi narrada. A chamaremos: mecanização do pensamento.

1

**Palavras chave:** Fenomenologia. Primeira Pessoa. Mecanização do pensamento.

**ABSTRACT:** The article has as objectives: at first, from the phenomenology used by Karl Jaspers we begin to describe, compose and value the psychotics experiences in the first person. We will develop how the thought process is formed and psychotic changes that occur in the most different ways. At once, from the report of a psychotic patient, we used our mental apparatus to understand his experience, through a new naming. We call it mechanization of thought.

**Keywords:** Phenomenology. First Person. Mechanization of thought.

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Ramo da Filosofia Moderna e Contemporânea - Mestre em Psiquiatria e Saúde Mental pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

## INTRODUÇÃO

Karl Jaspers foi um filósofo existencialista alemão, que no campo da psicopatologia escreveu uma obra basilar: a *Psicopatologia Geral*. Nessa obra, ele busca desenvolver e aclarar os conhecimentos psiquiátricos através de métodos próprios para cada campo do saber psicopatológico. O objetivo final era clarificar os limites de cada abordagem metodológica.

Jaspers tornou-se um ferrenho crítico de uma visão reducionista na psiquiatria. Essa visão era expressa pela busca e teorização de núcleos cerebrais (reunião de neurónios em uma área específica) que teriam uma relação direta com os fenômenos psíquicos observados no campo da clínica.

A psicopatologia de jaez jaspersiana vai resgatar o papel e a importância das vivências próprias do sujeito na comunicação do seu sofrimento psíquico. Em suas dimensões, a psicopatologia gizada por Jaspers, tenta fazer face a dicotomia que colocava os chamados psicologistas face aos somatologistas.

Em outros termos: as perturbações mentais não estariam somente presentes, quer no psiquismo anômalo, quer no organismo mórbido. No centro do processo mórbido encontrar-se-ia a pessoa que sofre.

A nossa capacidade de pensar, seguindo os ditames lógico-formais, nos permite através da linguagem, um - chamemos assim - elo de comunicação comum com os que nos rodeiam. Passamos então a compreender os outros, a nós mesmos e a nos precavermos, dentro de certos limites, das incertezas do porvir. Alterações nas formas de interpretação do que pensamos ou na estrutura do pensar ou das respostas que criamos frente as exigências da vida acarretam, em extremo, o surgimento no campo da consciência de experiências psicóticas.

### **Aspetos básicos da Fenomenologia na Psicopatologia Geral:**

Iniciemos por um conceito básico: o conceito de vivência. Vale ressaltar que iremos utilizar a expressão “experiência pessoal” como equivalente a noção de vivência, abaixo desenvolvida.

O termo vivência surge com a finalidade de traduzir o vocábulo alemão *erlebnis*. Vivência não deve ser entendida como uma experiência de vida, mas como uma experiência vivida subjetivamente. Dito de outra forma: “É a experiência interna vivida, ou seja, tudo que transcorre, a cada instante, no âmbito subjetivo da consciência individual” (Nobre de Melo, 1979.p.169)

As vivências são constituídas pelos dados perceptivos, representativos e ideativos que surgem na consciência. As vivências possuem como característica um movimento próprio e contínuo. No nosso psiquismo este movimento é um fluir constante, um acréscimo de novas vivências que formam uma única e imensa corrente de acontecimentos indivisíveis. As vivências nascem das vivências. No entanto, estamos diante de uma peculiar forma de ligação, pois: “Esta conexão de funções da vivência é dada a partir de dentro. Todo o conhecimento psicológico particular é apenas análise desta conexão” (Dilthey, 2002, p. 59)

Em suma: vale reter que graças a experiência interna vivida conseguimos aproximar-nos da doação imediata da textura interna das vivências e das suas representações em nosso psiquismo.

Passemos a outra questão:

Não devemos olvidar que todo o fenómeno psíquico, seja um delírio, uma alucinação ou uma alteração formal do pensamento, possui uma expressão, assim como acarreta uma determinada impressão em nosso psiquismo.

Jaspers vai delimitar esta diferença lançando mão de outros termos. Num artigo seminal, ele explica: “Ao exame de um paciente psiquiátrico é comum a distinção entre sintomas objetivos e subjetivos” (Jaspers, 2005, p.769)

Temos acesso aos sintomas objetivos através “da capacidade sensoperceptiva e pensamento racional” (Jaspers, 2005, p.770), por sua vez os sintomas subjetivos só seriam alcançados caso o observador faça um movimento de: “transformação de si mesmo, por assim dizer, ao psiquismo de outro indivíduo, isto é, pela empatia” (Jaspers, 2005, p. 770)

O conhecimento psicopatológico de cariz objetivo, seja qual for o meio utilizado, não deve assumir o caráter de absoluto. De forma diversa do conhecimento neurológico que coloca a sua ênfase nas lesões do sistema nervoso central e posteriores deficiências observadas na clínica, no campo psicopatológico temos que lidar com o binómio: constituição da experiência do mundo e presença atuante do Eu. Daí emerge uma formulação holística da estrutura do mental.

Posto isto, devemos responder a seguinte indagação: Qual é a dimensão fenomenológica de Karl Jaspers na Psicopatologia Geral?

Sigamos as suas palavras que, de forma cristalina, irão especificar não só os passos que devemos seguir, assim como uma dimensão própria para o conhecimento do psiquismo do outro.

Jaspers nos diz:

“Antes que uma investigação válida se possa iniciar é necessário identificar os fenômenos psíquicos específicos que serão os seus objetos e estabelecer as diferenças entre estes e outros fenômenos com os quais podem ser confundidos. Este trabalho preliminar de representação, definição e classificação dos fenômenos, perseguido como atividade independente constitui a fenomenologia”. (Jaspers, 1997, p.55)

Avançando em nossas considerações teríamos: “Fenomenologia estabelece-se sobre um número de tarefas: ela dá-nos uma descrição dos estados psíquicos, os quais os pacientes realmente experimentam e apresenta-os para observação” (Jaspers, 1997, p.55)

Descrever, valorizar as experiências vividas pelos pacientes e observar com rigor são as bases desta fenomenologia.

Continuamos a seguir Jaspers, com o escopo de dissiparmos qualquer dúvida: “Husserl empregou a palavra (fenomenologia) de início, para se referir à “Psicologia Descritiva” dos fenômenos da consciência, neste sentido ela tem valor para as nossas investigações”. (Jaspers, 1997, p.55).

Jaspers, não deixa margem a dúvidas, ao expressar de que forma utilizará a concepção da fenomenologia, no campo da prática: “Para nós, a fenomenologia é procedimento empírico, que só se mantém pelo fato da comunicação por parte dos pacientes” (Jaspers, 199, p.55).

Uma das condições para que a comunicação ocorra de forma eficaz é o estado de lucidez da consciência. Tal estado ocorre quando são observados pré-requisitos:

“Para haver consciência clara, é necessário que eu tenha nitidamente diante de mim, aquilo que penso, é necessário que saiba e queira o que faço; que o que vivencio, minha vivência, esteja ligada ao meu Eu, e que isso se mantenha relacionado pela memória” (Jaspers, 1997, p.167).

Por último, o posicionamento de valorizar as vivências individuais, nomeadamente as psicóticas, deve ser visto com certas cautelas. Temos que levar em conta, por exemplo, a capacidade cognitiva de quem narra as suas vivências, bem como a capacidade de lançar mão, por parte do paciente, de uma atenção reflexiva diante do que emerge na sua consciência.

### **De que forma pensamos?**

Em primeiro lugar, devemos chamar a devida atenção para um atributo psicológico que é a compreensão intelectual. A compreensão intelectual permite o processo de organização e delimitação dos dados de ordem perceptiva e representativa captadas de forma empírica e que passam a ter um significado racional.

Em nossa consciência lúcida estamos diante de dois acontecimentos diversos. Um é a ideação. A nossa capacidade de elaborar ideias ou também denominados conceitos. O outro elemento de importância é a imaginação, que nos leva a elaborar as mais diversas imagens. É importante reter que toda imagem se refere a algo “que pode ser concreto ou abstrato, real ou irreal, externo ou interno, tomado exclusivamente, em sua singularidade representativa empírica.” (Nobre de Melo. p.415) Em um outro sentido a ideia ou conceito é imaterial e abstrata e prescinde “...pois, de toda e qualquer particularização no campo da realidade objetiva e subjetiva “(Nobre de Melo. p.415)

Em primeiro lugar, iremos expor o chamado processo de associação de ideias e imagens. Este processo de ordem espontânea ou provocada levaria ao estabelecimento de relações significativas entre os dados imediatos ou mediatos da consciência.

No que se refere ao processo de associação, cabe a devida importância a certos aspectos que não podem ser esquecidos. Devemos lembrar que na grande maioria dos casos associativos, a esfera afetiva possui um lugar de destaque.

Devemos ter em conta, os chamados modos de associação, assim teríamos: “a) Associação por simultaneidade temporal; b) Associação por contiguidade espacial; c) Associação por semelhança externa; d) Associação por semelhança interna.” (Nobre de Melo, 1979. p. 418). As modalidades de associações que já referimos, são complementadas por outras de real valor. Assim teríamos: 1- As associações por contraste; 2- As associações por transposição analógica; 3- Associações metafóricas; 4- Associações por assonância.

O pensamento, dentro da concepção associacionista, conjuga lado a lado conceitos e imagens com o objetivo de expressar um determinado juízo. O pensamento seguiria guiado por um tema fundamental que é chamado Tendência Determinante ou Ideia Diretriz. Bleuler ao discorrer a respeito da associação como baluarte do pensar, nos diz:

“A associação, por tanto, é um estado no qual os engramas estão unidos entre si; porém é também um processo com a união de sucessos smultâneos, com a evocação de uma representação por outra no pensar e por um influxo de um psiquismo sobre outro.” (Bleuler, 1924, p. 15)

Alonso – Fernandez descreve as atividades fundamentais do pensamento da seguinte forma:

“a) A formação de conceitos, cujo o dado definidor, consiste em aptar a essência dos fenómenos e os objetos a que se referem; b) A formação de juízos, entendendo por juízo o estabelecimento

de uma relação entre dois ou mais conceitos; c) A dedução de conclusões ou novos juízos, estabelecendo novas relações entre os conteúdos de um juízo ou de vários” (Alonso – Fernandez, 1979, p.406).

Na explanação de Alonso-Fernandez, no nosso modo de ver, cabem reparos.

O psiquiatra espanhol deixa de lado um aspeto importante que consolida o pensamento lógico-formal ou reflexivo. Ele não faz menção ao ato da consciência que consiste em encadear os juízos, este ato é raciocínio. Tal ato é: “A operação pela qual o espírito, de duas ou mais relações conhecidas, conclui uma outra relação que desta decorre logicamente”. (Jolivet, 1972, p.45)

Para avançarmos deixemos de lado a conceção de associacionismo, vejamos outras vertentes.

Não devemos esquecer que o pensamento não existe sem um ser pensante. O ser pensante é capaz de lançar mão de duas vertentes que se encontram a seu serviço que são: a simbolização e a intencionalidade.

A capacidade de simbolizar é apanágio do homem. Tal capacidade permite ao homem criar uma nova realidade. Uma realidade que não é meramente física, embora os símbolos necessitem de um suporte físico, e que remete o homem para novas formas de comunicação. O homem vive em um universo simbólico, è aqui que se desenvolve a experiência humana. O Homem passa a estar frente a frente a um «campo simbólico » que é o fundamento das suas capacidades de pensar, de efetiva comunicação e conduta .

6

Esta transformação, cujo nascimento se perde na história das civilizações, acarretou que o “círculo funcional do homem não é somente quantitativo, alargou-se tendo também sofrido uma mudança qualitativa. O homem tem como sempre teve, a descoberta de um novo método de se auto-adaptar” (Cassirer, 1944, p.42).

A criação de um sistema simbólico abarca os campos da linguagem, do mito, da arte e da religião. Vale a pena assinalar um paradoxo vivido pelos homens que deambulam por este mundo sublunar. Eles encontram-se, de tal forma, envoltos por este sistema que não se dão conta da sua presença e poder de atuação.

Por outro lado, os homens só podem conhecer-se através da interposição e ação neste meio artificial. Meio artificial que é chamado cultura. Cultura é troca de identificação simbólica.

É certo que poderíamos explicar o aparecimento da vida simbólica movido por necessidades de ordem instintiva. Os nossos antepassados passam a lançar mão de códigos para se manterem mais protegidos ou garantir o acasalamento, mas isto não explica tudo.

Devemos olhar mais a frente, pois:

“Razão é um termo inadequado com o qual compreenderíamos as formas da vida cultural dos homens, em toda a sua riqueza e variedade. Mas todas estas formas são formas simbólicas. Por isso, ao invés de definir o homem como animal racional, nós devemos defini-lo como um animal simbólico” (Carrier, 1944, p.42).

Os símbolos não devem ser vistos apenas em seus conteúdos estéticos. Existe um aspeto da expressão simbólica que não devemos colocar de lado: viver a experiência simbólica significa viver na realidade que não conheço. Dito de outra forma e ampliando a nossa explanação: os símbolos atravessaram a história da humanidade e estão presentes nos mitos, nas filosofias e teologias. Através dos símbolos passamos a conhecer o valor que o homem dá ao que adquire pelo pensamento, saberemos o que aquele homem, em particular, experimenta como realidade própria, aquilo que imagina para si, o que o faz, por instantes, a contemplar o que vive. A psicose irá romper a possibilidade deste conhecimento.

O ato de compreensão de um conteúdo da consciência, em sua vertente simbólica prepara e facilita uma série de novas conexões que vai nos levar a um mundo repleto de conceitos e significações.

Vale a pena reter, que na estruturação do mundo lógico do pensar, devemos ter em conta: a relação do todo com a parte ou do gênero com a espécie. Ampliando o nosso pensamento: cada objeto, de ordem psicológica, deve ser definido como parte constituinte de um todo maior e um todo de partes menores.

Por último, o pensamento sofre o influxo da intencionalidade. Dito de outra forma: pensar é pensar em algo que habita o campo da consciência.

Em outros termos: a nossa consciência estaria referida a um determinado conteúdo. Estaríamos diante da forma essencial de cada modalidade de um ato psíquico. Clarificando esse ponto de vista: na representação imaginativa algo é representado imaginativamente, ao lidarmos com conceitos algo é conceitualizado.

Em suma: é importante reter que existem diversas modalidades específicas essenciais de referência intencional.

Estamos frente a um modo de consciência que cria integrações significativas a partir de determinados arranjos de relação. Agimos desta forma, quando ao caminharmos por uma exposição, nos deparamos com uma máquina que não conhecemos. O nosso pensamento passa a lançar mão, não só da percepção imediata e da ajuda do celeiro da memória, mas sobre tudo da

apreensão de significações que fazem referência ao que nos deparamos e que se encontra no campo da consciência como objeto de nosso interesse e análise.

Existe também, uma outra vertente que não podemos abdicar. É o próprio movimento do pensar, com ou sem linguagem, que produz a formalização do que pensamos. O pensar é uma ação interna. O rendimento máximo do pensar se produz quando temos que fazer frente a um novo problema. Passamos a lançar mão de sucessivas e novas relações de sentido entre as coisas. Abstração, generalização e síntese dos conceitos são os pilares da forma pela qual o nosso pensamento avança e se torna criativo.

Devemos estar atentos para uma tendência de valorizar o pensar como uma relação do tipo: estímulo-resposta agregada a teoria da conduta. Na base desta visão todo pensamento teria necessariamente a forma de uma ação verbal ou motora. Esta postura recebe a devida crítica pelo fato de que em sua essência nega a possibilidade de que o pensar venha a ter a sua própria construção interna. Em extremo, estaríamos frente a um «pensamento» sem o ato do pensar.

Ao termos em conta, as diversas facetas do pensar que já aludimos, concordamos plenamente com o que nos diz Nobre de Melo:

“Ao que do exposto se deduz, distingue-se o pensamento da associação: em primeiro lugar, porque todo pensamento é impulsionado por uma força diretriz ou tendência determinante, que seleciona, filtra e orienta os seus conteúdos ideativos, concretos ou abstratos, reunindo-os em torno de um tema ou propósito, com uma finalidade ou intensão, consciente ou não, e segundo um curso mais ou menos pré-estabelecido; depois, porque o pensamento é, em todos os seus níveis, um processo simbólico, de integração conceptual e significativa, obediente ao comando de um agente extra-associativo (motivações instintivo-afetivas) e fortemente marcado pelo caráter de intencionalidade dos atos que o constituem.” (Nobre de Melo, 1979, p.421)

A compreensão intelectual vai organizar na consciência individual, os dados de ordem perceptiva e representativa existentes em uma determinada vivência atual.

Em outros termos: torna-se necessário que o nosso Eu faça uma determinada ordenação, sequenciação e valorização da multiplicidade de conteúdos vivenciais num momento dado. As diferentes formas de pensar na psicose acarretam: uma dificuldade de comunicação crescente com o outro e de inserção da pessoa no seu perimundo. Tais dificuldades abrem espaço para “formas de relação” do pensamento que certificam, entre outros elementos, a busca da falsa segurança do viver autístico. Trabalhamos com a noção de que “psicose” significa a perda do

contato com a realidade partilhada que temos com os outros que convivemos.

### **Relatos em primeira pessoa de vivências psicóticas**

Vale ressaltar uma diferenciação que defenderemos. Não devemos colocar em igualdade o pensar e a linguagem.

A linguagem se forma como sistema codificado de sons e sinais estimada por uma intenção significativa. Devemos evitar que a linguagem seja vista como a essência do pensamento, caso esta visão ganhe corpo, será como equiparar que as palavras, em si mesmas, sejam ideias.

Nem tudo que é pensado é comunicado. Nem sempre as expressões verbais traduzem, necessariamente, tudo o que foi pensado.

Um mesmo pensamento pode ser comunicado de diversas maneiras, quer pela escrita, de forma gestual ou pictórica, mas sem perverter a sua intenção originária.

Posto isto, podemos avançar para a explanação das alterações formais do pensamento no campo da psicose. Optamos, por exemplificar tais alterações, fiéis a importância fenomenológica do relato de tais vivências em primeira pessoa.

Voltemos a nossa atenção para a chamada desagregação do pensamento.

Eis o exemplo:

“Um jovem paciente disse: sinto que tudo é relacionado com todos e que alguns indivíduos são muito mais suscetíveis a esta teoria da relatividade do que outros, porque tiveram ancestrais ligados de alguma forma a lugares ou coisas ou porque acreditam, ou ainda porque deixam um rastro quando passam por uma sala que conhecem. Algumas pessoas deixam rastros diferentes e tudo passa dessa forma. Este paciente afirmou que esta declaração estava clara, e mostrou sinais de ira quando pedimos que a elucidasse” (Mayer-Gross, 1976, p.281).

Salientamos que estamos frente a uma anormalidade do processo do pensar e não da anormalidade das ideias que tal processo expressa.

Devemos chamar a devida atenção para o denominado pensamento incoerente ou desconexo. Tal tipo de pensamento, como o pensamento desagregado, é formado por ideias desprovidas de sentido lógico.

No entanto, existe um dado fulcral que devemos levar em conta numa avaliação psicopatológica. Ei-lo: no pensamento desconexo temos uma alteração do campo da consciência caracterizada por um rebaixamento do nível da consciência, uma falta da capacidade de

concentração do Eu diante dos objetos e uma desorientação alopsíquica (desorientação em relação ao tempo e espaço reais ) de diversos matizes. Em termos clínicos, podem surgir fenômenos alucinatórios, nomeadamente, na esfera visual. Neste caso estaríamos diante de uma consciência obnubilada.

A próxima alteração é denominada “pressão do pensamento”. Os doentes falam de “fluxos de pensamento” ou “coleção de pensamentos”, surgem demasiados pensamentos à mente, como no exemplo que se segue:

“Na minha cabeça uma cadeia constrangedora, torturante e ininterrupta de ideias seguia o seu curso incessante como o movimento de um relógio. Estas ideias não eram naturalmente muito marcadas, claramente formadas, mas uma ideia nova ligava-se a outra nova ideia através das associações mais espantosas e sempre com uma certa inter-relação sistemática, e eu tinha lá dentro um tal espírito de sistema que, por exemplo, era sempre forçado a distinguir o lado luminoso do lado sombrio dos objetos, das pessoas, dos fatos e das expressões que me viam ao espírito” (Bleuler, 2005, p.80)

Por vezes, a informação que nos é dada pelo doente, leva-nos a ter a impressão que na realidade o que o doente efetivamente pensa é muito pouco.

Num ponto oposto nos deparamos com a chamada subtração do pensamento, termo criado por um doente de Jung.

Nesta alteração formal do pensamento, subitamente, a meio de uma frase ou passando para uma nova ideia, o doente para de falar e não consegue prosseguir. Por vezes retorna ao ponto que estava a pensar ou inicia uma nova associação.

Eis os exemplos: “umas vezes posso falar, outras não”, uma outra doente ficava horas sentada “para reencontrar o meu pensamento”. Outra relata: “atiram-me uma carga contrária, como um carregamento (faz um gesto como se qualquer coisa lhe batesse no peito), é como se me fechassem a boca, como se me dissessem: cala o bico”. (Bleuler, 2005, pp.81,82).

O fenómeno da intercetação ou subtração do pensamento pode referir-se a uma fonte externa ao Eu. O caso anteriormente citado denota esta peculiaridade,

Um outro tipo de alteração formal do pensar é caracterizado pela fluidez do pensamento, mais de uma forma anômala.

Eis o exemplo:

“O paciente sofre de alienação mental caracterizada por ideias persecutórias, que revestem, por vezes os sinais de ideias de ciúmes, diz ter comunicação permanente em ideia

com determinadas pessoas sem pronúncia de palavras” (Relato de um psiquiatra assistente dos arquivos do Hospital Conde de Ferreira)

Tal alteração é denominada difusão do pensamento.

Quando os doentes nos narram que os seus pensamentos são conhecidos por todos, que são vinculados pela televisão ou através da internet, estamos diante da “publicação do pensamento”.

O exemplo é o seguinte: Um paciente declara: “Todos sabem o que eu penso, não necessito falar ... sei que me comunicam... eu não me comunico, eles me comunicam; eles põem um aparato, que ora um utiliza, ora outro”.(Delgado,1969,p.61)

Vejamos a forma do pensamento chamada adjudicação de significações adventícias. Nesse caso, os conceitos e as palavras passam a ter na mente do paciente uma denominação distinta da usual em virtude de alguma associação. Delgado nos mostra o seguinte exemplo:

“Tenho um espírito um pouco analista, e estava analisando o significado de algumas palavras, como “violento”. Que significado tem para você? Um homem impulsivo, irrefletido, não é certo? Pois bem, este é o conceito que tem dito esta palavra; porém, veja que é equivocado: pois decompndo esta palavra em suas sílabas, temos: vio-len-to. A primeira é uma forma do verbo “ver”, e as últimas juntas querem dizer “com calma”; logo a conclusão seria “ver lento”. (H. Delgado, 1969, p.58)

11

Uma outra forma do pensar psicótico é o denominado: concretismo reificante. Neste caso não existe somente o abandono dos conteúdos abstratos senão que passam a ser transformados em coisas

. Verdadeiras unidades concretas. Porém, o forma do pensar segue uma via privada e pessoal que guarda com o mundo do individuo uma profunda vinculação.

Ao longo de uma perícia psiquiátrica – forense, o examinado nos solicita que leiamos o capítulo12, versículo 5 do Apocalipse de uma pequena Bíblia que nos oferece. Encontramos a seguinte passagem:” e deu à luz um filho, um varão que há de reger todas as nações com vara de ferro e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono”.O examinado, logo após a nossa leitura, afirma: “A vara de ferro, essa vara de ferro a polícia tem em seu poder e pertence-me”.(Marins,2013,pp.87,94)

Estamos diante de uma forma de pensar que perdeu a sua capacidade de lidar com os elementos simbólicos, havendo aqui o império do concretismo, uma invasão do concretismo ao campo do abstrato.

Em suma: a vara de ferro, imagem simbólica utilizada por S. João que denotaria o poder de Cristo é equiparada de forma autorreferencial com uma concreta vara de ferro.

Chamamos sonorização do pensamento ou pensamentos, que se tornam sonoros quando o paciente escuta os seus próprios pensamentos e acredita que os mesmos conseguem chegar a outras pessoas. Esse fenômeno é aparentado com os fenômenos de difusão do pensamento e subtração do pensamento.

Uma outra forma do pensar psicótico é o chamado pensamento insuflado. Ao surgirem na consciência dos pacientes, eles os aceitam vindos de uma região estranha. Como nesse exemplo de Gruhle, citado por Jaspers: “Nunca os li ou ouvi. Vêm sem serem chamados. Não me arrisco a pensar que provenham de mim. Todavia, sinto-me feliz por sabê-los sem tê-los pensado. Em todo momento adequado voam para mim”. (Jaspers, 1997, p. 150).

Em continuidade, vale ressaltar o chamado pensamento ambivalente. Esse tipo de pensamento faz coexistir, ao mesmo tempo, imagens e conceitos contraditórios e inclusive contrapostos.

Vejamos o exemplo citado por Alonso Fernandez: “tenho um primo muito honrado que é um ladrão” (Alonso-Fernandez, 1979, p. 408 Tomo I).

Continuando a nossa explanação teríamos as para respostas: são expressões que não apresentam uma relação lógica precisa com as perguntas formuladas. Vejamos o exemplo que nos é dado por Delgado: (pergunta) “De que matéria se faz o dinheiro?” (para resposta) “Por alguma razão irá se verificar a fundição da moeda.” (Delgado, 1969, p.62)

Podemos ser tentados a ver nos exemplos citados uma forma primitiva do pensar. Ao continuarmos nesta senda, o próximo passo seria igualar o pensamento psicótico a forma de pensar dos povos mais primitivos. Esta analogia, que floresceu no meio psicopatológico do século passado, não levava em conta: o fato que transportar o campo do desenvolvimento individual psicológico normal e da psicopatologia para métodos de explicação de natureza cultural e social com marcadas diferenças, criava, chamemos assim, uma ilusão explicativa. Ilusão explicativa que se afastava de forma significativa da busca e confrontação dos dados da realidade.

Um outro fator a ser levado em conta é que tal atitude deixa de lado, uma forma de pensar que utilizamos, em maior escala, na infância, e que nos acompanha, ao longo da vida em situações corriqueiras: o pensamento mágico.

Por último, a Antropologia nos mostra que a forma de pensar dos “primitivos” é voltada para valores práticos, racionais e representações filiadas a uma determinada estrutura que assegura a comunicação e coesão social do grupo.

### **Uma experiência mental e abordagem psicopatológica**

A nossa proposta é lançarmos mão de uma experiência mental, com o objetivo de desenvolvermos mecanismos psicopatológicos que nos façam diminuir o hiato existente entre as vivências psicóticas e o nosso contato e tentativa de compreensão das mesmas.

Suponhamos a seguinte vivência, em lucidez de consciência: " O José entra no meu pensamento e comprime as minhas ideias e as coloca de lado. Ele faz isso o tempo todo" . Tal vivência nos foi narrada três vezes por um paciente psicótico que pertencia ao Hospital -Dia do Centro Hospitalar do Conde de Ferreira na cidade do Porto.

Vale a pena acrescentar que nas ocasiões em que nos foi narrado tal vivência, o paciente realizou um movimento com a mão direita de cima para baixo e ato contínuo a sua mão direita executava um outro movimento lateral na horizontal da esquerda para a direita do seu eixo corporal.

Tivemos frente a tal vivência, uma representação mental que seria uma linha de produção de uma determinada mercadoria, a ser impressa e empacotada. Deixada de lado, para dar lugar a mercadoria seguinte.

Os gestos levados a efeito pelo paciente, ao comunicar a sua vivência são detalhadamente observados e levados em consideração em nossa observação psicopatológica.

Gostaríamos, frente ao exemplo citado, tecer os seguintes comentários:

- Lançamos mão da extrospeção, o que se baseia na observação dos gestos, expressões mímicas e da conduta do doente.
- A valorização da vivência comunicada em lucidez de consciência.
- No campo da compreensão da vivência narrada, em termos psicopatológicos, utilizamos a chamada compreensão racional ou lógica.
- Neste tipo de compreensão o fundamental é construirmos ou não uma representação do fenómeno relatado em nossa mente.
- Gostaríamos de sugerir uma denominação para a vivência narrada chamaríamos: Mecanização do pensamento. Tal designação nasce da representação mental que construimos e narramos anteriormente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demonstramos neste texto, que a fenomenologia de Husserl é utilizada na sua vertente empírica e descritiva dentro da concepção de Jaspers. No entanto, tal visão acrescenta algo mais. Este algo a mais é a narrativa em primeira pessoa das vivências dos pacientes que padecem de alguma forma de doença mental.

O pensar constitui-se num processo que se inicia a partir do que captamos no campo senso perceptivo ou a partir das imagens ou ideias que nossa memória ou fantasia nos levam a ter. A obediência aos ditames logico-formais do pensar, a intencionalidade que anima a nossa reflexão e o manuseio dos símbolos que adquirimos fazem com que a comunicação seja efetiva e frutífera entre os nossos pares.

Dito de outra forma: O pensar é um ato psíquico que acarreta interações significativas que se encontram voltadas para determinados objetos e a estados de fatos. As diversas alterações psicopatológicas do pensar que passamos em revista, tem a sua tônica em singulares arranjos de relação entre os elementos que são compostas na intencionalidade consciente do pensar e comunicar.

Não devemos deixar de lado o fato que o pensar existe graças a um ser pensante. Contudo, no campo psicopatológico para vislumbrarmos modos de significação diferentes e por vezes bizarros que nos são narrados, necessitamos de outros atributos. Acreditamos que para termos contato com tais alterações formais do pensar que se afastam do usual, devemos lançar mão dos limites da nossa capacidade empática. Clarificando o nosso ponto de vista, com o objetivo de darmos por encerrado esta explanação: só conseguiremos, minimamente, entender as vivências psicóticas da alteração da forma do pensar ao diminuirmos o hiato entre a nossa forma de pensar reflexiva e lógica e a forma psicótica do pensar que nos é expressada.

Isto poderá ocorrer caso seguíssemos as seguintes direções:

- 1- Lembrarmos de nossas próprias vivências bizarras que ocorrem nos nossos sonhos;
- 2- Ao pensarmos, em nosso cotidiano, nos acontecimentos que quebram a rotina;
- 3- Ao mergulharmos nos diversos campos da arte, em que novas experiências são criadas e estimuladas.

Tais direções irão estimular em nós, a capacidade de representarmos, ou seja, dar uma nova apresentação, as vivências que nos são narradas. Após lançarmos mão da empatia, da capacidade de representar o que nos foi comunicado, através das diversas formas de linguagem, passamos a nomear tal experiência para que a possamos compartilhar. O nosso contributo

seguiu e buscou essas diretrizes.

## REFERÊNCIAS

Alonso-Fernandez, F. (1979). *Fundamentos de la Psiquiatria Actual*, Tomo I e II. Madrid: Editorial Paz Montalvo.

Bleuler, E. (1924). *Tratado de Psiquiatria*. Madrid: Calpe.

Bleuler, E. (2005). *Dementia Praecox ou Grupo das Esquizofrenias*. Lisboa: Crimepsi Editores.

Cassirer, E. (1944). *An Essay on Man*. New York: Yale University.

Delgado, Honorio. (1969). *Curso de Psiquiatria*. Barcelona: Editorial Científico-Médica.

Dilthey, K. (s/data). *Psicologia e Compreensão*. Lisboa: Edições 70.

Jaspers, K. (1997). *General Psychopathology*, Vol. I e II. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.

Jaspers, K. (2005). *Abordagem Fenomenológica em Psicopatologia*. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, V. VIII, nº 4.

Jolivet, R. (1972). *Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro: Agir Editora.

Marins, D. N. (2013). *Psicopatologia Forense e Direito*, Porto: Juruá Editorial.

Mayer-Gross, W; Slater, E; Ruth, M. (1976). *Psiquiatria Clínica*, Tomo I e II. São Paulo: Editora Mestre Jou.

Nobre de Melo, A. L. (1979). *Psiquiatria*. Volumes I e II. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

Nobre de Melo, A. L. (1954). *Psicopatologia da Reação Esquizofrênica*. Rio de Janeiro: Edição do Autor.